



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

Frankenstein E The Windup Girl: when past and present meet the future

Isabela Duarte Britto Lopes¹
Universidade Federal Fluminense
isabeladblopes@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/2264755274275653>

¹ Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Literaturas Estrangeiras Modernas. Atua como professora de Língua Inglesa, tradutora e revisora

LOPES, Isabela Duarte Britto. *Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 6-22.



Isabela Duarte Britto Lopes

Resumo: O presente trabalho analisa a obra *The Windup Girl* (2010), de Paolo Bacigalupi, centrando-se na personagem Emiko, uma "windup girl" criada para servir aos humanos, mas que enfrenta conflitos internos entre sua programação e o desejo de liberdade. Emiko, uma androide com habilidades superiores às humanas, é vista como uma ameaça à sociedade tailandesa futurista e conservadora retratada no romance. Apesar de ser submetida a abusos e tratada como inferior, Emiko demonstra sentimentos complexos, como repulsa e compaixão, enquanto luta para superar sua programação e buscar independência. O estudo traça paralelos entre Emiko e a criatura de Frankenstein (1818), de Mary Shelley, destacando como ambas as obras exploram temas como a rejeição social, a rebelião contra os criadores e as consequências da intervenção humana na natureza através da ciência. Enquanto a criatura de Frankenstein é rejeitada por sua aparência grotesca, Emiko é marginalizada por sua natureza tecnológica, embora ambas compartilhem a capacidade de sentir e questionar sua existência. A análise também aborda como as obras de Bacigalupi e Shelley criticam a ambição desmedida da ciência e do progresso, destacando os perigos morais e sociais dessas transgressões. Ambas as narrativas refletem sobre a relação entre humanos e pós-humanos, questionando os limites éticos da criação artificial e as consequências da exploração desenfreada dos recursos naturais e humanos. O trabalho conclui que as obras servem como alertas sobre os riscos da húbri humana, mostrando como a busca pelo poder e pelo controle pode levar à autodestruição, tanto individual quanto coletiva.

Palavras-chave: *Frankenstein*; *The Windup Girl*; ficção científica.

Abstract: The present work analyzes Paolo Bacigalupi's novel *The Windup Girl* (2010), focusing on the character Emiko, a "windup girl" created to serve humans, but who faces internal conflicts between her programming and the desire for freedom. Emiko, an android with abilities superior to humans, is seen as a threat to the futuristic and conservative Thai society portrayed in the novel. Despite being subjected to abuse and treated as inferior, Emiko demonstrates complex feelings, such as revulsion and compassion, while struggling to overcome her programming and seek independence. The study draws parallels between Emiko and the creature from Mary Shelley's *Frankenstein* (1818), highlighting how both works explore themes such as social rejection, rebellion against creators, and the consequences of human intervention in nature through science. While Frankenstein's creature is rejected for its grotesque appearance, Emiko is marginalized for her technological nature, although both share the capacity to feel and question their existence. The analysis also addresses how Bacigalupi's and Shelley's works criticize the immoderate ambition of science and progress, highlighting the moral and social dangers of these transgressions. Both narratives reflect on the relationship between humans and post-humans, questioning the ethical limits of artificial creation and the consequences of the unrestrained exploitation of natural and human resources. The work concludes that both works serve as warnings about the risks of human hubris, showing how the pursuit of power and control can lead to self-destruction, both individual and collective.

Keywords: *Frankenstein*; *The Windup Girl*; science fiction.

1. Introdução

LOPES, Isabela Duarte Britto. *Frankenstein e The Windup Girl*: quando o passado e o presente se encontram no futuro. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 6-22.



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

O presente trabalho analisará a obra de Paolo Bacigalupi *The Windup Girl* (2010), focando principalmente em uma das personagens centrais da narrativa, haja vista que o romance é relatado por diferentes narradores no decorrer da obra, na qual eles mostram sua vida no universo oriental de uma Tailândia futurística, conservadora e caótica.

Emiko, a personagem fundamental para este artigo, é uma criação do homem designada para obedecer e saciar humanos automaticamente que vive em constante conflito com sua programação e seu desejo de resistir a comandos. Vale ressaltar que essa “robô” que se assemelha a uma pessoa, chamada *windup girl*, apesar de se submeter aos caprichos humanos, foi criada com habilidades que superam a capacidade física humana, como uma força incomum e supervelocidade, o que faz com que Emiko seja vista como uma ameaça à figura humana e às crenças da sociedade por suas características diferenciadas.

Apesar desses aspectos, a androide em questão sofre constantemente com abusos sexuais e é tratada como escória, já que todos recriminam sua origem e não a concebem como humana. Entretanto, ao lermos seus relatos, fica evidente que Emiko possui sentimentos de repulsa em relação àqueles que abusam dela e, ao mesmo tempo, se compadece a ajudar aqueles que a tratam com um mínimo de dignidade. Sendo assim, essa personagem passa a ter que lidar com seus conflitos internos e se libertar do impulso de obedecer para poder viver independentemente.

Em paralelo ao romance de Bacigalupi, este trabalho traçará uma linha de semelhanças e contrastes entre Emiko e o icônico personagem criado por Mary Shelley, em *Frankenstein* (1818). A partir da leitura de ambas as obras, é possível encontrar elementos que nos fazem refletir sobre Emiko como uma nova concepção do monstro criado por Shelley, como o próprio fato de ambos serem criações “profanas da ciência” ao invés de seres humanos concebidos pela natureza biológica da humanidade.

Além disso, o monstro criado por Victor Frankenstein, por sua aparência grotesca, não é aceito pela sociedade da época e nem mesmo por seu próprio criador. Em virtude disso, sua presença, até então inofensiva, passar a ser ameaçadora e mortal.



Isabela Duarte Britto Lopes

A criatura elaborada pelo cientista passa a atormentá-lo e a tentar destruí-lo ao assassinar seus entes queridos e, conseqüentemente, causa angústias e depressões insuportáveis para seu criador.

Em ambas as obras, percebe-se que a relação entre a humanidade e o pós-humano põe em xeque o equilíbrio social, além de lançar luz sobre debates a respeito do papel da ciência e a maneira como o homem se utiliza do conhecimento como poder. Isto é, como a necessidade de Emiko e de Frankenstein em se rebelar de seus criadores representa nada menos do que a própria consequência das ações humanas, provando que o homem é o maior causador de suas próprias derrotas.

Sendo assim, é importante entender como o Gótico e a Distopia se encontram na obra de Bacigalupi, que ao mesmo tempo nos evoca a obra de Shelley, uma vez que ambas mostram o lado oculto do ser humano e o efeito dominó que acarreta suas decisões. Segundo Botting (1996), o Gótico no século XX revela o lado oculto do progresso e da modernidade, trazendo à tona suas ameaças e criticando toda a corrupção causada por tais valores.

No caso de *Frankenstein*, o próprio cientista passa a ter consciência das problemáticas que surgiram a partir da sua cegueira pela busca do conhecimento através da ciência e o poder que esta traz consigo. A ambição de Victor, que servia como um impulso para o seu trabalho, logo se torna sua própria arma quando sua criação passa a se rebelar contra os humanos, principalmente aqueles ligados à família Frankenstein.

Na obra de Shelley, o Gótico aparece como uma forma de evidenciar valores que foram abandonados no período em que a autora foi “testemunha do crescente poder da ciência em demonstrar controle experimental sobre fenômenos naturais” (TURNEY, 1998, p.19). Isso significa que a figura do cientista não só expõe a ciência a um extremo, como também aponta elementos que a visão progressista e realista da época tentam esconder, como os sentimentos que aparecem nos constantes conflitos internos presentes no romance.

Já no caso de *The Windup Girl*, ainda é possível retomar esses debates travados no século XIX, haja vista que todas as transformações realizadas pelo homem foram

LOPES, Isabela Duarte Britto. *Frankenstein e The Windup Girl*: quando o passado e o presente se encontram no futuro. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 6-22.



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

causadas, em sua maioria, pela insaciável busca pelo poder e pelo progresso. Entretanto, para estimular as reflexões filosóficas e críticas acerca do assunto, Bacigalupi nos envolve em um universo distópico caracterizado pela presença de andróides e alimentos modificados geneticamente, mas que ao mesmo tempo sofre com falta de eletricidade, miséria extrema e as inúmeras pragas que tornam inviável o plantio de sementes que não fossem geradas em laboratórios.

A relação do homem com a natureza e com o seu igual é apresentada como uma máxima da sociedade contemporânea em um cenário catastrófico após o esgotamento de recursos naturais e a exploração do ser humano como produto na lógica capitalista em que vivemos. Ao comparar a obra de Bacigalupi com a de Atwood, Schmeink ressalta como este ambiente é retratado nas sociedades futurísticas das narrativas:

O que faz com que Atwood e Bacigalupi se assemelhem é a imaginação de um futuro crítico distópico, extrapolado da nossa modernidade líquida contemporânea, na qual o pós-humano se tornou uma realidade tangível que busca estabelecer uma posição na “ordem natural” e acaba ameaçando o humano por completo. Ambos cenários estabelecem um mundo de capitalismo desenfreado, sociedades de consumo individualistas, causando uma catástrofe ecológica global, o desenvolvimento de espécies transgênicas, e por último a criação de uma espécie rival de pós-humanos. (SCHMEINK, 2016, p. 72-73, tradução própria)²

A partir dessas premissas, entende-se que há uma relação entre o Gótico e a Distopia, considerando que ambos “exploram e expõem dilemas morais, psicológicos e sociais extremos” (CARTWRIGHT, 2005, p.4, tradução própria)³ que são simbolizados por diversos elementos da narrativa. Neste trabalho especificamente, tratarei mais profundamente das personagens já mencionadas, passando ocasionalmente por outras

² No original: “What brings Atwood and Bacigalupi together is the imagination of a critical dystopian future, extrapolated from our contemporary liquid modernity, in which the posthuman has become a tangible reality that is trying to establish a position in the ‘natural order’ and ultimately ends up threatening to replace the human completely. Both scenarios establish a world of rampant capitalism, of individualistic consumer societies, leading to a global ecological catastrophe, the development of transgenic species (across all biological domains), and ultimately the creation of a rival species of posthumans.”

³ No original: “explore and expose extremes of moral, psychological and social dilemmas”



Isabela Duarte Britto Lopes

imagens que ajudem a compreender melhor a maneira como obras de períodos tão distintos podem dialogar entre si.

2. O homem, a ciência e o seu poder divino e destrutivo

Durante muito tempo, a Igreja e a fé foram fontes de conhecimento da sociedade; entretanto, na virada para o século XIX, com o surgimento de movimentos filosóficos que exaltavam a razão, a religião e os mitos aos poucos deram lugar à ciência para assumir a função de responder a questões sobre a natureza através da metodologia científica. Até hoje, a sociedade segue baseando suas respostas na ciência e avançando progressivamente em novas pesquisas e resultados que, supostamente, melhorariam a condição humana.

Contudo, essa crença absoluta na ciência não retrata os subterfúgios que muitas vezes são utilizados para a obtenção de respostas essenciais para o progresso. Nesse cenário, o conhecimento passa a ser muito mais do que apenas uma explicação para os mais diversos fenômenos, o saber se torna poder. Poder este capaz de manipular, influenciar e corromper o homem em sua insaciável busca pelo avanço científico, além de desafiar e extrapolar os limites da natureza.

Na obra de Shelley, Victor Frankenstein é consumido pelas suas descobertas quando finalmente entende o papel da ciência moderna em contraposição com os ideais dos cientistas medievais. Segundo um de seus mestres:

Os antigos professores desta ciência – disse ele – prometiam tudo, mas nada realizavam. Os mestres modernos prometem muito pouco; sabem que os metais não podem ser transmutados e que o elixir da vida é uma quimera. Mas esses sábios, cujas mãos parecem apenas patinhar na sujeira, ou cujos olhos parecem estar pregados aos microscópios e aos cadinhos, têm conseguido milagres. Eles penetram os recessos da natureza e mostram como ela funciona nos lugares mais ocultos. Sobem aos céus; descobriram como circula o sangue, e qual a natureza do ar que respiramos. Adquiriram novos e quase ilimitados poderes; podem mandar os trovões no céu, reproduzir o terremoto, e até zombar do mundo invisível com as suas sombras. (SHELLEY, 2017, p.52)

LOPES, Isabela Duarte Britto. *Frankenstein e The Windup Girl*: quando o passado e o presente se encontram no futuro. *Seda: Revista de Letras da Rural*, Seropédica, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 6-22.



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

Tal discurso foi o marco inicial para que o protagonista do romance se corrompesse em nome da ciência. Durante todo o processo de criação de sua criatura, Frankenstein se distanciou de seus entes queridos, profanou túmulos e descuidou de si próprio em prol de seus possíveis resultados. A relação que o cientista estabeleceu com a ciência ultrapassou os limites da moral e o fez perder “toda a sensibilidade de espírito” (SHELLEY, 2017, p.60), tanto que sua razão foi afetada pela ganância, pelo orgulho e também pela loucura.

A vida e a morte se me apareciam como limites ideais, que eu primeiro devia transpor, para lançar uma torrente de luz em nosso mundo de trevas. Uma nova espécie me abençoaria como seu criador e sua origem; muitas criaturas felizes e excelentes passariam a dever sua existência a mim. (SHELLEY, 2017, p.59)

Nesse trecho, é possível enxergar como o cientista é capaz de assumir o papel de criador que antes pertencia somente a Deus. O sagrado passa a ser tangível ao homem que detém conhecimento. O cientista assume o papel divino de criar, tornando evidente a expectativa que a ciência trazia como nova fonte de respostas durante o século XIX.

Entretanto, sua obsessão científica reflete uma das tendências do Gótico em apontar “os perigos morais e sociais das transgressões apresentando suas formas mais sombrias e ameaçadoras” (BOTTING, 1996, p.5. Tradução própria)⁴. Isto é, o cientista que abandona seu lado passional para viver em função da razão absoluta acaba rompendo seus próprios limites como ser humano.

No caso de *The Windup Girl*, o Gótico e a Distopia se encontram para mais uma vez apontar as ansiedades culturais presentes na sociedade, já que “a recusa de limites convencionais e questionamento crítico de atitudes culturais geralmente vêm de uma estrutura gótica de elementos e inflexão” (CARTWRIGHT, 2005, p.2, tradução própria)⁵.

⁴ No original: “warning of dangers of social and moral transgression by presenting them in their darkest and most threatening form”

⁵ No original: “The refusal of conventional limits and the critical questioning of cultural attitudes often proceed within a gothic structuring of elements with a gothic inflection.”



Isabela Duarte Britto Lopes

Na obra de Bacigalupi, entende-se que a ideia fantasiosa de um futuro caracterizado pelo sucesso da tecnologia e do progresso é desmistificada por um universo conservador em que a expansão e a globalização ficaram em um passado distante. Nessa perspectiva, a ciência se mistura com as ideologias do capitalismo e do progresso e evidencia o que Shelley tinha previsto em sua obra: o conhecimento e o poder são capazes de deturpar a natureza do homem.

O cenário do romance reflete como a individualização e a alienação do ser humano como membro de um corpo social é capaz de blindá-lo de valores coletivos e passionais. No universo ficcional da obra, “há uma extrema extrapolação da modernidade líquida de Bauman onde o consumo passa a ser a única e mais abrangente necessidade que move a sociedade” (SCHMEINK, 2016, p.75, tradução própria)⁶.

O cientista Gibbons, presente na narrativa, também apresenta os mesmos traços de loucura e sedução pelas suas descobertas que Frankenstein, sejam elas imorais ou não. Entretanto, ambos diferem no ponto em que o conhecimento passa a ser quase extinto entre o resto da população, quase inalcançável na obra de Bacigalupi, e, por isso, Gibbons representa a noção da ciência e do cientista como algo ainda mais sagrado e passível de criação.

“Você não cultua a morte como nós cultuamos. Você não mexe com a construção dos blocos da natureza.” Interesse e paixão cintilaram rapidamente nos olhos do homem velho. Interesses maldosos e predatórios. “Você não tem ideia das coisas que conseguimos criar nos nossos laboratórios. Isso aí raramente vale o meu tempo. Eu esperava que você me trouxesse um desafio [...]” (BACIGALUPI, 2010, p.352)

Somando-se a isso, há a noção de “corpocracia”, na qual pessoas são vistas como fonte de consumo para as corporações, neste caso para explorar e produzir energia. Na obra de Bacigalupi, o corpo humano é reduzido ao seu peso e suas calorias para que assim funcione como ferramenta de trabalho para o império, já que a falta de energia faz com que a força do homem seja uma maneira de obter o recurso em escassez.

⁶ No original: “In this, both fictional universes are extreme extrapolations of Bauman’s liquid modernity where consumption becomes the only and all-encompassing urge that drives society.”



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

Tudo isso para que as fábricas possam funcionar com mão-de-obra barata capaz de produzir calorias e energia e, sem melhores opções, os trabalhadores se submetem aos trabalhos abusivos das indústrias: “Suor escorre pelas suas faces e escorre como brilhantes riachos por suas costas. Eles queimam calorias tão rápido quanto eles as consomem e ainda assim o grupo cozinha com a memória do sol da tarde” (BACIGALUPI, 2010, p.55-56 tradução própria)⁷.

Tendo esses fatores em mente, é possível estabelecer uma relação entre o homem presente na obra de Shelley e Bacigalupi ao compreender que a construção ideológica do homem científico do século XIX – ambicioso e racional – é apresentada em sua forma mais eloquente na distopia do autor americano.

Ou seja, ainda que a sociedade de *The Windup Girl* nos remeta a um universo que sofre com questões ecológicas e socioeconômicas, os ideais em torno da ciência e de seu poder se encontram presentes também na obra de Shelley. Isso ocorre porque são os laboratórios produtores de alimentos transgênicos e mutações genéticas que provêm para a sociedade seus alimentos e suas ferramentas.

Em suma, em ambas as obras a ciência é peça fundamental para a narrativa, haja vista que a extrapolação dos valores racionais leva Frankenstein a construir uma criatura que posteriormente o destrói, e para a sociedade na obra de Bacigalupi, tais ideais refletem como esta exacerbação é capaz de afetar negativamente todo o homem, seu estilo de vida, o mundo que habita e sua relação com ele. Além disso, nas narrativas em questão, o cientista (Frankenstein e Gibbons) se distancia da sociedade e não consegue encontrar uma maneira de se restabelecer dentro dela. Neste sentido, o Gótico aparece de formas distintas, porém conectadas entre si:

Na Era Vitoriana, a emergência do romance Gótico coincidia com o período em que os avanços científicos começaram a fragmentar o corpo humano e quando mudanças na sociedade passaram a causar a desintegração do indivíduo. [...]

⁷ No original: “Sweat drips from their faces and runs in gleaming rivulets down their backs. They burn calories as quickly as they consume them and yet still the club bakes with the memory of the afternoon sun.”



Isabela Duarte Britto Lopes

Os romances Góticos do século XX [...] reciclam e reinventam para investir em novos medos. (CARTWRIGHT, 2005, p. 8-9, tradução própria)⁸

3. As criaturas e os criadores: as ameaças pós-humanas

Apesar da diferença temporal entre as obras de Shelley e Bacigalupi, ambas lidam com a noção do pós-humano. Ao realizar suas criações a partir de objetos mortos ou inanimados, o cientista dá um passo além do humanismo e das questões naturais para abordar a capacidade da tecnologia de se sobrepor à natureza.

Em outras palavras, o homem se torna capaz de explorar os limites da vida humana ampliando a ideia de uma possível reclassificação de espécies em um mundo que inclui ciborgues, andróides e outras formas de vidas criadas. Segundo Foster (2005, p. 10): “pós-humanismo surge quando a tecnologia de fato se ‘torna eu’, não ao incorporar meu ser a minha unidade orgânica e integridade, mas ao interromper essa unidade e expandir o limite entre o ser e o mundo” (*apud* HOLLINGER, 2009, p.274, tradução própria)⁹.

Ao olhar mais profundamente para os romances, é possível visualizar a natureza artificial dos personagens desde suas descrições físicas. Desta forma, fica claro que por mais que sejam criaturas que coexistem com o humano, não se encontram em um mesmo patamar. Sendo assim, o estranhamento que essas personagens causam passa a ser um elemento fundamental para entender a repulsa de outras pessoas com o pós-humano.

No caso do monstro de Frankenstein, por ser criado de partes de corpos mortos, sua aparência é grotesca e mórbida. Nas palavras do seu criador:

⁸ No original: “In the Victorian era the emergence of the Gothic novel coincided with an age when scientific advances began to fragment the human body and when shifts in society began. [...] The Gothic novels of the twentieth century [...] recycle and re-invent them in order to invest them with new terrors.”

⁹ No original: “Posthumanism emerges when technology does in fact ‘ become me,’ not by being incorporated into my organic unity and integrity, but instead by interrupting that unity and opening the boundary between self and world.”

LOPES, Isabela Duarte Britto. *Frankenstein e The Windup Girl*: quando o passado e o presente se encontram no futuro. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 6-22.



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

Sua pele amarela mal cobria o relevo dos músculos e das artérias que jaziam por baixo; seus cabelos eram corridos e de um negro lustroso; seus dentes, alvos como pérola. Todas essas exuberâncias, porém, não formavam senão um contraste horrível com seus olhos desmaiados, quase da mesma cor acinzentada das órbitas onde se cravavam, e com a pele encarquilhada e os lábios negros e retos (SHELLEY, 2017, p.63)

Já na obra de Bacigalupi, Emiko, uma *windup girl*, tem uma aparência física muito similar à dos seres humanos, podendo até se passar por um deles, porém seus movimentos a traem por serem mecanizados como os de uma máquina – o que faz com que ela seja pejorativamente chamada de *heechy-keechy*. Com isso, sua natureza tecnocientífica é revelada assim que ela se move.

Gendo-sama costumava dizer que ela era mais que humana. Ele costumava acariciar seus cabelos negros depois de terem feito amor e dizia que ele achava uma pena as Novas Pessoas não serem mais respeitadas, e era mesmo triste que os movimentos dela nunca seriam suaves. Mas ainda assim, ela não tinha visão perfeita e pele perfeita e genes resistentes a doenças e ao câncer, e quem era ela para reclamar? Pelo menos o cabelo dela nunca ficaria branco, e ela nunca envelheceria tão rápido quanto ele, mesmo com as cirurgias, pílulas, pomadas e ervas que o mantinham jovem. (BACIGALUPI, 2010, p.50, tradução própria)¹⁰

Entretanto, por trás do estranhamento causado pelos traços físicos, há também uma negação dessas personagens como partes daquele universo, já que, por serem fabricadas, não podem se igualar à figura humana. Tanto no caso do monstro de Frankenstein quanto no de Emiko, ambos foram agredidos e deixados à margem da sociedade.

A violência se torna uma ferramenta para manter as personagens em seu lugar inferior e, para a *windup girl*, isso é ainda mais cruel, pois seu corpo é utilizado para satisfazer prazeres sexuais de humanos e, ao contrário da criatura de Shelley, ela não tem como se refugiar em florestas ou montanhas para se proteger.

¹⁰ No original: “Gendo-sama used to say that she was more than human. He used to stroke her black hair after they had made love and say that he thought it a pity New People were not more respected, and really it was too bad her movements would never be smooth. But still, did she not have perfect eyesight and perfect skin and disease- and cancer-resistant genes, and who was she to complain? At least her hair would never turn grey, and she would never age as quickly as he, even with his surgeries and pills and ointments and herbs that kept him young.”



Isabela Duarte Britto Lopes

Ao ser violentada em diversos momentos ao decorrer da narrativa, Emiko também revela outra característica que lhe foi atribuída durante sua criação: ela deve obedecer impreterivelmente às ordens que são dadas e também ter orgasmos durante as relações sexuais, ainda que contra a sua vontade. De forma geral, as criaturas pós-humanas são consideradas aberrações e assimiladas com escárnio e repúdio.

Emiko obedece, saindo do seu banco e cambaleando no seu jeito *windup* em direção ao palco circular. Todos os homens riem e apontam para a *windup* japonesa e seus passos quebrados e artificiais. Uma aberração da natureza transplantada do seu habitat natural, treinada desde o nascimento a abaixar a cabeça e se curvar. (BACIGALUPI, 2010, p.52, tradução própria)¹¹

Apesar de o comportamento ditado pela sociedade demonstrar como essas criaturas são inferiores, não se pode deixar de lado o fato de que elas são verdadeiramente ameaçadoras para a humanidade. Entre as habilidades do monstro e da androide estão velocidade e força extraordinárias, que revelam como a proliferação dessas criaturas pode ameaçar a raça humana.

Por isso, Schmeink sugere que “Bacigalupi usa esse recurso do movimento artificial [de Emiko] para negociar a necessidade do poder hierárquico entre as espécies, combinando nesse elemento um marcador que a exclui e que a rebaixa” (SCHMEINK, 2016, p.97, tradução própria)¹². Este conceito também se aplica à obra de Shelley, já que o monstro é constantemente lembrado de que ele não será capaz de se misturar.

No caso do monstro, todo esse ódio do homem quando seus esforços eram apenas para tentar se aproximar fizeram com que, cansado de tentar ser aceito, ele se rebelasse contra a natureza humana, tornando-se uma ameaça, principalmente para seu criador, de quem jurou se vingar:

¹¹ No original: “Emiko obeys, climbing down from her bar stool and tottering in her windup way toward the circle stage. The men all laugh and point at the Japanese windup and her broken unnatural steps; A freak of nature transplanted from her native habitat, trained from birth to jug her head and bow.”

¹² No original: “Bacigalupi uses this feature of ‘artificial’ movement to negotiate the necessity of power hierarchies between the species, combining in this one elemento a marker that excludes and one that demotes.”



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

Tu podes extinguir minhas outras paixões, mas a vingança permanecerá. Uma vingança que, daqui por diante, me será mais cara que a luz ou o alimento! Eu posso morrer, mas primeiro tu, meu tirano e carrasco, haverás de amaldiçoar o sol que vai brilhar sobre a tua ruína. Toma cuidado, pois eu não tenho medo e, portanto, sou poderoso. Hei de espreitar-te com a astúcia de uma serpente, para que possa inocular-te com o seu veneno. Homem, hás de te arrepender dos males que causas. (SHELLEY, 2017, p.181)

A ameaça pós-humana também ocorre porque esses seres possuem, ainda que indiretamente, a capacidade de extinguir a raça humana. Eles não só apresentam particularidades que transcendem os limites humanos, mas também, ao se rebelarem, revelam como o homem pode ser facilmente dizimado por criaturas mais evoluídas criadas em laboratórios. Um exemplo claro na obra de Bacigalupi são os *cheshire cats*:

Hock Seng ouviu dizer que os cheshires foram supostamente criados por algum executivo das calorias – algum homem da PurCal ou AgriGen, provavelmente – para o aniversário de sua filha. Um favor para a festa quando sua princesinha atingiu a idade da Alice de Lewis Carrol. Os convidados da criança levaram seus novos pets para casa onde foram mantidos e acasalaram com os felinos naturais, e dentro de vinte anos, os gatos do mal estavam por todo o continente e *Felis domesticus* sumiu da face da Terra. (BACIGALUPI, 2010, p.38, tradução própria)¹³

Como se pode observar, as consequências da criação dos *cheshire cats* fizeram com que os gatos fossem extintos dentro de 20 anos, o que incita a possibilidade de a mesma coisa acontecer com os humanos. Por isso, os “cheshires funcionam como um lembrete de que a hybris humana e a curiosidade podem preceder efeitos colaterais imprevisíveis” (SCHMEINK, 2016, p.85, tradução própria)¹⁴.

Nessa perspectiva, a possibilidade de figuras pós-humanas que se aproximam do homem são quase nulas nos romances em questão, pois torna o homem vulnerável à

¹³ No original: “Hock Seng has heard that cheshire were supposedly created by a calorie executive – some PurCal or AgriGen man, most likely – for a daughter’s birthday. A party favor for when the little princess turned as old as Lewis Carroll’s Alice.

The child guests took their new pets home where they mated with natural felines, and within twenty years, the devil cats were on every continent and *Felis domesticus* was gone from the face of the world (...)”

¹⁴ No original: “(...) cheshires function as reminders that human hubris and curiosity will lead to unforeseen side effects.”



Isabela Duarte Britto Lopes

seleção natural, em que apenas o mais adaptado sobrevive. Isto é, a infertilidade das criaturas assegura a supremacia humana.

Contudo, em *Frankenstein* e *The Windup Girl*, as personagens pós-humanas só se tornam uma ameaça, de fato, ao conviver e questionar as ações humanas. Seus conflitos com a sociedade se tornam gatilhos que revelam a natureza predadora do homem, e por consequência de suas criaturas. Isso significa que Emiko e o monstro de Frankenstein são influenciados pelos ideais de uma sociedade humana predatória, cujos valores os estimulam a agir contra seus criadores.

Após todo o desprezo e repúdio que sofreu o monstro do século XIX, ele assimila esses sentimentos negativos, pois assim como um humano, ele é capaz de sentir. Por isso, ele decide se vingar e “graças aos ensinamentos de Félix e às sanguinárias leis dos homens, eu aprendera agora como praticar o mal” (SHELLEY, 2017, p.154). Posteriormente, ele assassina todos os entes queridos de seu criador como forma de puni-lo por não ter criado uma criatura que fosse semelhante a ele.

Entretanto, para Emiko, seus conflitos internos estão atrelados à esperança de viver em uma comunidade de *windups* onde ela não seria mais obrigada a obedecer, e ao fato de ela não conseguir se identificar e reconhecer quais características suas são planejadas, e quais são reflexões do que ela é além destas programações.

Ela admite que sua alma luta consigo. Que ela não sabe direito quais partes dela são dela mesma e quais foram criadas geneticamente. Será que a avidez em servir veio de alguma parte de DNA canino que faz com que ela assimile que pessoas naturais a categorizam pela sua lealdade? Ou será simplesmente o treinamento do qual ela fala? (BACIGALUPI, 2009, p.262, tradução própria)¹⁵

Emiko e o monstro de Frankenstein lutam por seus espaços dentro da sociedade, lutam para que não sejam tratados como escória em um mundo onde, supostamente, o homem seria um ser maior por sua natureza. Ambos entendem que no universo humano

¹⁵ No original: “She herself admits that her soul wars with itself. That she does not rightly know which parts of her are hers alone and which have been inbuilt genetically. Does her eagerness to serve come from some portion of canine DNA that males her always assume that natural people outrank her for her pack loyalty? Or is it simply the training that she has spoken of?”



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

não há oportunidade para pessoas como eles, ainda que possuam sentimentos, sejam capazes de se comunicar e de raciocinar como qualquer outro homem.

Com base nestes argumentos, é possível afirmar que a visão monstruosa do ser humano em relação ao pós-humano está associada com a própria sociedade em que vivemos e os valores presentes nela. Se o homem é capaz de amar, ele será amado. Se é capaz de explorar, também será explorado. E, assim, entende-se que a raça humana constrói em prol da ciência e da tecnologia, para que, ao mesmo tempo, repudie suas criações de maneira que elas se tornam o reflexo do que o próprio homem científico e racionalista se transformou na sua forma mais asquerosa.

Nessas obras, fica evidente que as construções presentes na narrativa procuram mostrar a sociedade que formamos, suas consequências, o que elas podem ser e o que elas podem criar no futuro. Por isso, a relação do humano com o pós-humano nas obras analisadas reflete diretamente a relação do homem consigo mesmo na sociedade; isso significa que sua maior ameaça se encontra dentro de si e da extrapolação da ciência sem relevar questões sociais, ambientais e filosóficas que corrompem e denigrem cada vez mais.

4. Considerações finais

Com base nas considerações realizadas ao decorrer deste trabalho, fica a dúvida de qual será o legado da sociedade contemporânea ao mundo e ao ser humano. Desde o século XIX até os dias de hoje, percebe-se que a exatidão e a informação concreta dominaram grande parte dos ideais atuais, o que faz com que questões que exijam reflexões sobre o ser que necessitam de respostas não-binárias sejam descartadas como não relevantes.

Por esse motivo, o título deste trabalho procura unir a ideia de que Shelley não só previu parte de como a ciência poderia impactar o ser humano, como também nos alerta de um mal que nasce da ambição e do desejo do próprio homem. Até então, a

LOPES, Isabela Duarte Britto. *Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 6-22.



Isabela Duarte Britto Lopes

constante busca pelo lucro em suas mais diversas maneiras faz com que esse fanatismo racional se alastre pelo corpo social, revelando como a desigualdade e a barbárie passam a ser naturalizadas quando utilizadas para um fim específico.

Somando-se a isso, a ficção científica auxilia na projeção do que o mundo atual pode vir a se tornar caso nenhuma medida seja tomada para alterar os alicerces do corpo social que vivemos no presente. O pós-humano não estará presente apenas nos alimentos criados em laboratório, mas também nos animais, nos modelos econômicos e no ser humano, ameaçando toda a herança histórica da humanidade pelas mãos do homem que se perdeu destas.

Desta maneira, as obras de Shelley e Bacigalupi nos oferecem “cenários imaginativos que nos permitem novas perspectivas em situações atuais” (CARTWRIGHT, 2005, p.3, tradução própria)¹⁶ ao explorar os extremos das questões sociais, morais, psicológicas e filosóficas, revelando como o Gótico e a Distopia podem estar em sincronia entre si.

Ademais, o foco narrativo em figuras que vivem à parte da sociedade consolida essa fusão de vertentes que procura esclarecer o que não pode ser visto de dentro da comunidade. Em suma, “ambos [Distopia e Gótico] foram criados não só para desenterrar demônios e vampiros da imaginação, mas também os demônios dos sistemas de onde uma pessoa pode existir, e de onde é difícil enxergar as ameaças que espreitam.” (CARTWRIGHT, 2005, p.11, tradução própria)¹⁷.

Nas representações do pós-humano nas obras, há também a ideia de que ainda que criados pela ciência, Emiko e a criatura de Frankenstein podem ter sentimentos e agir como um humano natural. O que mostra como estas figuras não se distanciam tanto do homem quanto parece, afinal de contas, a relação criador/criatura conta com o elo através da utilização do corpo humano como matriz.

¹⁶ No original: “imaginative settings allow fresh perspectives on current situations”

¹⁷ No original: “Both were intent on unearthing not only demons and vampires from the imagination, but the demons from the systems within which one must make one’s existence, and from within which it is difficult to see the lurking threats.”



Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro

Ainda assim, se torna um grande desafio conceber essas criações como evolução, pois isso significa o possível fim do homem no topo da cadeia alimentar. Se o que nos diferencia das outras espécies é a capacidade de pensar e dialogar, ao criar “pessoas” que sejam capazes de realizar as mesmas funções, o ser humano perde seu lugar como espécie mais desenvolvida.

Entretanto, nas obras analisadas, percebe-se que a maior ameaça para o homem é ele mesmo, já que se coloca em uma posição em que acredita poder controlar o mundo em sua magnitude. Porém, os romances também esclarecem como essa doutrina antropocêntrica pode ser o sucesso para uns e a ruína para a maior parte de uma sociedade que sofre com a exploração da vida em sua forma orgânica.

Nosso ambiente mudou. Se você quer permanecer no topo da cadeia alimentar, nós vamos evoluir. Ou nos recusar, e seguir o mesmo caminho dos dinossauros e *Felis Domesticus*. Evolua ou morra. Este sempre foi o princípio fundamental da natureza, (...). Se você me permitisse, eu poderia ser o seu deus e moldar você ao Éden que nos brada. (BACIGALUPI, 2010, p.345, tradução própria)¹⁸

Neste trecho de *The Windup Girl*, fica evidente como o saber acaba por iludir o homem a acreditar que ele é capaz de tudo, sem conceber o ciclo em que as suas ações se encontram. As consequências de suas escolhas acabam por derrotá-lo tanto em Shelley quanto em Bacigalupi; a diferença, porém, está na escala em que suas escolhas afetam o mundo em que vivemos.

Por conta disso, as discussões filosóficas presentes nas obras aqui estudadas são fundamentais para esclarecer – ou ao menos tentar esclarecer – as possibilidades que nos restam e o perigo de ignorar valores como a ética, moral, a empatia e o pensamento não só como indivíduo, mas como um ser que faz parte de algo maior. Afinal de contas,

¹⁸ No original: “Our environment has changed. If we wish to remain at the top of our food chain, we will evolve. Or we will refuse, and go the way of the dinosaurs and *Felis domesticus*. Evolve or die. It has always been nature’s guiding principle, (...). If you would just let me, I could be your god and shape you to the Eden that beckons us.”



Isabela Duarte Britto Lopes

o homem não se relaciona apenas com seus iguais, mas com a natureza e outros diversos seres que coexistem junto a ele.

Finalmente, as construções narrativas dos autores exaltados por este trabalho fortalecem a importância de revelar a soberba do homem e o perigo que esta traz consigo. Ainda assim, vivemos em um mundo em constante mudança que, ao mesmo tempo que luta, tenta se adaptar ao ciclo imposto pelo homem e, por isso, as certezas que a ciência e o progresso trazem hoje não são capazes de visualizar as proporções catastróficas que desabarão no futuro – “O ontem do homem talvez jamais seja como o seu amanhã: Nada perdura, a não ser a instabilidade” (SHELLEY, 2017, p.107).

Referencias

Fontes primárias:

BACIGALUPI, Paolo (2010). *The Windup Girl*. Londres. Orbit.
SHELLEY, Mary. *Frankenstein* (2017). Tradução de Miécio Honkins. Porto Alegre. L&PM.

Fontes Secundárias:

BOTTING, Fred. *Gothic* (1996). Londres. Routledge.
CARTWRIGHT, Amy (2005). *The Future is Gothic: Elements of Gothic in Dystopian Novels*. Tese (Doutorado) - Universidade de Glasgow, Instituto de Artes.
HOLLINGER, Veronica (2009). *Posthumanism and Cyborg Theory*. In: *The Routledge Companion to Science Fiction*. Oxon: Routledge.
TURNEY, Jon (1998). *Frankenstein's Footsteps: Science, Genetics and Popular Culture*. New Haven: Yale University Press.
SCHMEINK, Lars (2016). *The Anthropocene, the Posthuman, and the Animal*. In: SCHMEINK, Lars. *Biopunk Dystopias: Genetic Engineering, Society and Science Fiction*. Liverpool: Liverpool UP.

Recebido em: 08/05/2024

Aceito em: 17/07/2024

LOPES, Isabela Duarte Britto. *Frankenstein e The Windup Girl: quando o passado e o presente se encontram no futuro*. *Seda: Revista de Letras da Rural, Seropédica*, v. 9, n. 17, Jul.-Dez., 2024, p. 6-22.